

# OCCIDENTE



REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO ESTRANGEIRO

Editor e Director-proprietario: CAETANO ALBERTO DA SILVA

Preços de assignatura	Anno 46 n.ºs	Semest. 18 n.ºs	Trim. 6 n.ºs	N.º à entrega	36.º Anno — XXXVI Volume — N.º 1252	Redacção — Atelier de gravura — Administração Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, Composto e impresso na Typ. do Anuario Commercial Praça dos Restauradores, 27
Portugal (franco de porte) m. forte...	3\$800	1\$900	950	120	<b>10 de Outubro de 1913</b>	Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe e dirigidos à administração da Empresa do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.
Possessões ultramarinas (idem) . . . . .	4\$000	2\$000	—	—		
Estrangeiro e India . . . . .	5\$000	2\$500	—	—		



UMA JOIA-MONUMENTO  
ESCULPTURA DO PROFESSOR SR. JOÃO SILVA — (De fotografia)

## CRONICA OCCIDENTAL

Um belo gesto saudou o amanhecer de gloria do dia 5 de outubro de 1913—gesto de carinho, gesto de perdão, que escancarou prisões e levou a almas pisadas de insomnias más e dolorosissimas, tristezas, luz de ressurreição e redenção.

O venerando Presidente da Republica-Portuguêsa, usando d'um privilegio que a constituição lhe confere, concedeu indulto a muitos dos presos implicados nos graves acontecimentos politicos que tão serios embaraços tem oposto ao livre e ordeiro exercicio do Regimen.

Gesto de paz, gesto de fraternidade—eguala a grandeza calma do esforço que derruiu, quasi sem violencia, mas terminantemente, o solio da monarchia. Ha três anos que o pavilhão da Republica-Portuguêsa foi desdobrado, nos Paços do Concelho, pela primeira vez, dominadõramente, e agitado arreatadõramente pelo grande sópro dum entusiasmo popular irresistivel, e de aliciantes e altissimas esperanças;—três anos decorreram—e hoje, alfim, podemos já e devemos meditar, com justeza e alcance, com sufficiente conhecimento de causas e previsões possiveis de consequencias, sobre a obra realisada do presente.

Presida sempre o sentimento puro da patria a orientar os nossos actos e a dirigir os nossos pensamentos e por ella exponhamos e sagremos espirito e coração. É se Portugal se afunda irremediavelmente—é porque aos seus representantes, supremos e infimos, vermelhos e azues, faltam, obcecados por inconfessaveis vaidades e pretencõis inconfessadas de predomínio, nobreza de character, dignidade de sentimentos e probidade intelectual, e mais e acima de tudo, sincero e verdadeiro patriotismo. Podemos bem dizer e afirmar bem alto, que os nossos homens-de-estado, nos ultimos dez anos, nada conheceram de patriotismo— a não ser, o que, assim como assim, pôde merecer contradita, o *patriotismo*, talvez posticho, das suas criadas de quarto. . .

Como se explica a repentina e completa derruição da monarchia? Bastou que a Republica, gentil mas ainda debil, se alevantasse e puzesse um dedo firme e decidido na carpintaria doirada do velho regimen, para que ele tremesse até aos fundamentos, e caísse e se reduzisse em breve a cinzas.

Apesar de tudo, parece que até os alicerces desapareceram já. . .

E' que tudo aquilo era carunchento e minado, ao fundo e ao largo, desoladõramente. O edificio só permaneceria, á custa de desvelos indefessos e carinhosa solicitude da guarda vigilante. Mas, ai! a guarda vigilante sentia-se culpada e cúmplice, e olhava-se torvamente e torvamente vaidosa mostrava garras aduncas ao primeiro desmando presentido e ameaçava réplica clamorosa ao primeiro gesto de denuncia e accusação.

Todos os seus esforços convergiam para uma circunspeccão mutua penosissima e satisfação de vaidades sófregas.

Esboçado o primeiro movimento de revolta, todos fugiram, espavoridos, estremunhados, derrancados, sem graça, nem animo. . .

A monarchia capitulou vergonhosamente.

Ela que tantas vezes abusára do seu direito de defeza, nem dele soube usar no momento proprio. Assim, traçou a sua propria sentença de condemnação irremediavel. Entregou a espada, intacta, ao adversario. Caiu, não por coacção superior, não por debilidade ou impotencia; caiu, por insustentavel.

Quem assim cae, jámais se alevanta, a não ser num supremo esforço de quasi impossivel heroismo.

Não se lembram de como, nos ultimos tempos do regimen monarchico, os partidos politicos se iam esfacelando, aos poucos? E', na verdade, para temer e lamentar que o mesmo facto succeda, nos primeiros tempos do governo republicano, como os signaes dos tempos nol-o vão agoirando sombriamente. De todos os recantos, rebentam e reverdecem pequeninos pim-

triunfo, que caíam, aos poucos, suavemente, desfeitas em petalas de luz.

Olhada a certa distancia, Lisboa dava a irresistivel impressão dum brazeiro enorme, revolto em cinzas, picado, de onde a onde, de brazas reverberantes.

Como constava do programa das Festas—dia cinco, nove horas da manhã, foi colocada a primeira pedra para o monumento a Antonio José da Silva, *O Judeu*.

Assim, vae, pois, ser desagradada a memoria desse homem-de-letras illustre, acorrendo á injustiça dos tempos e á perseguicão atrós da sua época, irremediavelmente desgraçado e irresistivelmente engraçado, que é, de direito, e apesar de tudo, entre os nossos mais notaveis tecnicos de dramaturgia.

Encarregou a Junta Liberal, Simões de Almeida (Sobrinho) de delinear o projecto do monumento cuja maquêta graciosissima o OCCIDENTE n.º 1246 apresentou.



NO LANÇAMENTO DA PRIMEIRA PEDRA DO MONUMENTO A ANTONIO JOSÉ DA SILVA, O SR. PRESIDENTE DO GOVERNO DISCURSANDO

polhos que se esforçam por dominar a vide inteira. Eil-os que ahí surgem, espontaneamente, sem se saber como, nem quando, tiranêtes da politica indigena que prometem salvar a patria ou subverter o mundo.

Olhos presos e enlevados na inscripção aurea que uma ironia fina e cruel gravou sobre o portico de entrada do templo republicano—Liberdade, Igualdade, Fraternidade—todos se crêm eguaes em competencia e pretencões, todos sentem os pulsos livres para se esmurrarem, e todos se acreditam irmãos para se poderem amar e assassinar como Abel e Caim, nos tempos ominosos do passado.

Para festejar o terceiro aniversario da Republica-Portuguêsa—Lisboa alindou-se de garridice. Sibilaram nos ares foguetõis de entusiasmo. Ribombaram, ao longe, salvas de saudação. Embandeiraram-se e adornaram-se de flôres edificios publicos e particulares. Percorriam as ruas da capital farras estrugentes. As praças relumbravam. E os fogos de artificio erguiam no espaço girandolas de estrelas cadentes e desfolhavam, ao alto, sobre a grande cidade, entontecida de luz e estrondo, grinaldas de

Unico acontecimento veio pôr de crepes os festõis de alegria que se tinham alevantado e sufocou nas gargantas, em espasmos de soluços, gritos de apoteose.

Entre o redemoinho das festas, espalhou-se em boatos, confirmados, em breve, pelas gazetas, a noticia do desastre que atingiu, em pleno coração, a marinha brasileira. Um *steamer* meteu a pique o rebocador *Guarany* que acompanhava as manobras da esquadra perto da Ilha Grande. Na catastrophe, succumbiram perto de trinta pessõas, entre as quaes aspirantes e o sub-chefe do Estado-Maior da Armada Brasileira. Quanto a nós—enviamos a essa querida nacionalidade, amiga e irmã, a expressão comovida e sincera das nossas condolencias. As paradas de marinheiros brasileiros e portugúeses não se realisaram.

Mas inda que o programa das festas projectadas se não realisasse inteiramente, ou absolutamente nada dele se cumprisse, não estrondeassem morteiros, nem reverberassem, nos largos, luminarias de alegria—um simples gesto, gesto de carinho, gesto de paz, gesto de perdão e de fraternidade—indulto aos presos politicos—bastaria para comover todos os bons corações de patriotas, encher de luz e de flôres o espaço e desenhar nos horisontes signos de

auspicio. A volta de alegria e vida aos lares desolados e dezimados pelos sucessos duma politica nefasta seria bem sufficiente para celebrar com gloria e regosijo o aniversario dum Regimen que tão generosamente, de principio, se impôs á consideração de estranhos e adversarios.

Com grande prazer de espirito, ainda que de relance, visitámos as salas, artisticamente e severamente dispostas, da importantissima Exposição de Artes Graficas, realisada no belo edificio da Imprensa Nacional. Ha motivos para felicitar calorosamente o presidente da comissão organisadora. Ha muito tempo que aos espiritos curiosos da nossa terra se fazia, mais e mais, sentir, para coordenação ajuizada de certos successos materiaes de livraria e elucidação do publico, a necessidade duma grande exposição desta natureza. Não foi tão completa como, na verdade, seria para desejar. Rivalidades de casas antigas e porventura, nos ultimos tempos, exacerbadas, meteram, de permeio, influencias impossibilitantes. Entretanto, a obra realisada é a credora de simpatias e elogios de estímulo. Não temos, por agora ocasião de nos referirmos, com demora e pormenores, aos varios specimens do certamen. Lá deparámos com trabalhos excellentes da Casa da Moeda e Imprensa Nacional e magnificos exemplares das secções de gravura e fotografia. Não podemos finalizar esta noticia brevissima, sem nos determos, mais uma vez, com admiração, ante os esforços de Pires Marinho que foi o primeiro — cremos — que com poderosa vontade e exito remunerador impôs em Portugal a gravura quimica.

E a proposito, mais um olhar se nos esgueira com saudade para esses preciosos e belos trabalhos, acabados com tanta firmeza e consciencia, de Caetano Alberto — fundador duma escola de gravura em madeira que o tempo desmoronou e perdeu impiedosamente.

ANTONIO COBEIRA.



## Uma joia-monumento

E' já um lugar comum dizer que a Arte é a manifestação mais valiosa de um povo; não é, porém, demasiado repetit-o entre nós, em que tão descurada andou, quasi um seculo de decadencia, cahindo na indiferença dos governos e do publico.

Sob pena de se perder do todo, teria de haver uma reacção, que felizmente se operou desde ha trinta anos e, neste lapso de tempo, quanto caminho andado!

O ensino alargou-se sob melhor orientação, e artistas se teem creado na pintura na arquitetura e na esculptura, que já fazem honra ao país.

Disto teem sido boas provas as exposições de arte realisadas ha anos a esta parte, e ainda a ultima da Sociedade Nacional de Belas Artes constituiu um sensacional acontecimento artistico.

Vem isto a proposito de uma bela obra de arte que hoje reproduzimos, do sr. João Silva, ourives escultor, cinzelador de grande merito, e que tendo sido aluno da antiga Escola Industrial *Principe Real*, hoje *Machado de Castro*, seguiu o curso da especialidade em Geneve e estudou depois em Paris com outros mestres, sendo actualmente professor na *Escola Marques de Pombal*.

Esta obra, caracteristicamente moderna, consta de uma base e pedestal de fino marmore de côr.



JOÃO SILVA

Desenho pelo pintor Hemain

Sobre a base vê-se deitada como de bruços a figura da Dôr que bem a exprime na attitude em que o escultor a modelou; ao lado direito do pedestal senta-se outra figura representando a Inteligencia, a qual em seu olhar pensativo e cabeça apoiada sobre a mão esquerda, tem bem a expressão de quem pensa; sobre o pedestal ergue-se a estatua da Bondade, figura suavissima que envia beijos de ternura como petalas de rosas que veem caíndo sobre a figura da Dôr.

Todas as figuras são da prata belamente modeladas e primoroso o seu cinzelamento.

Esta obra do sr. João Silva, artista que já conquistou seu renome, em outros trabalhos de grande merecimento, como, por exemplo, o tinteiro monumental oferecido ao sr. dr. Afonso Costa e que reproduzimos em o n.º 1180 desta revista, foi encomendada pelo cidadão francês Eduardo de Sousa, que o dedica á memoria de sua mãe, e foi para Paris.

Não podemos deixar de notar e com prazer esta expansão da arte portuguesa, conquistando lugar honroso no estrangeiro, para onde, aliás o sr. João Silva já tem outros trabalhos encomendados, como seja um relicario, que nos consta ser outra bela obra de arte, de que já fez a maqueta e que é tambem para Paris.

## PELO MUNDO FÓRA

O effeito do discurso pronunciado em Berlin pelo rei Constantino, a que aqui nos referimos no ultimo numero, não deixa duvida de que repercutirá na França fazendo com que ella d'oravante seja menos favoravel ás aspirações da Grecia na questão balkanica, cuja solução está muito longe do seu fim, sendo de prevêr uma *revanche* por parte da Bulgaria, que se está refazendo da tremenda lição soffrida na segunda phase da guerra.

Por seu turno, as rivalidades entre a França e a Allemanha accusam um accrescimento de tensão que a imprensa deixa a descoberto. Assim, o *Nord und Sud*, diz: «A França está ainda sob a impressão erronea d'uma Allemanha fraca e dividida, e não pôde admittir que não seja a primeira potencia da Europa. Uma nova edição, augmentada, de 1870, é a unica capaz de a convencer definitivamente. Escusado é dizer que a Allemanha não pôde atacar a França sem madura reflexão. Como primeira condição seria preciso que a Russia, como alliada da França, se achasse seriamente occupada de novo na Asia. E' fóra de duvida que isto se ha-de dar, n'um futuro proximo, do lado da China. Eis a razão por que a Allemanha deve usar de processos amigaveis para com a China e crear vis-à-vis d'ella um estado de coisas analogo ao que existe entre a Inglaterra e o Japão. Dada a grande irritabilidade do povo francês, será facil, a uma diplomacia habil, o crear um pretexto para se originar uma guerra em que a França appareça como a provocadora.

«Para fazer com que a França perca o seu character ameaçador e perigoso, seria preciso tirar-lhe tudo quanto fez parte outr'ora da *Lorraine* e o que ainda lhe resta da *Alsacia*, assim como todo o territorio do *Meuse*.

«Além d'isso, a França seria constrangida a restituir á Belgica todos os departamentos do norte, cedendo a Belgica á Hollanda todo o territorio onde a população fala a lingua allemã.

«Quanto á Italia, avançaria a sua fronteira do oeste até ao valle do *Rhône*, comprehendendo a Saboya, e, tanto quanto possível, annexaria Tunis.»

E era uma vez a França!

O sr. *Poincaré* confia no auspicioso futuro da sua patria, que o acclama ruidosamente na sua viagem triumphal.

Agora recebeu elle a visita do rei da Grecia, que assistiu a um almoço no Elyseu e entregou ao presidente da republica a grã cruz da ordem do Salvador da Grecia.

Poincaré assegurou que a França permaneceria a amiga leal de sempre, bebeu pelo rei Constantino e pela grandeza e prosperidade da Grecia.

O soberano manifestou a sua gratidão pelo concurso e apoio da França para as reivindicações da Grécia e para a defeza dos interesses vitais d'esta e ainda pela preparação para a lucta suprema, graças aos ensinamentos da missão Eydoux.

A questão do tratado de commercio entre Portugal e Espanha tem preoccupado bastante os respectivos governos e imprensa. O jornal espanhol *El Liberal* escreveu a proposito o seguinte:

«Faltam apenas dez dias para terminar, não havendo indícios de que outro seja assignado. O governo não tem faculdades para prorogar o antigo; portanto, passado esse breve prazo, cessará de um modo formal a franquia que o commercio desfructou durante vinte annos. Nunca nenhuma negociação começou com tão bons auspícios. De um lado o ministro português em Madrid, pessoa conhecedora de assumptos economicos e desprezador de praticas politicas; do outro lado um alto funcionario das Alfandegas que, segundo a *Voz Publica*, tem enorme conhecimento d'estas questões, sem que apesar d'isso, ponha, acima de tudo, a preocupação fiscal.

«Como é que nada se conseguiu de positivo? E' que em Lisboa não se acreditou na comunicação do seu representante a respeito da inutilidade de se passar um

anno inteiro a pedir concessões para o *cacau português*, cujo consumo em Espanha restringiria o do de *Fernando Pó*. A republica portugueza, obrigada por lei e justiça a sacrificar alguns dos seus interesses nas negociações, não teve a intrepidez de escolher e, querendo salvar todos os seus interesses, chegará á situação em que todos cairão revoltados.»

Termina com estas palavras:

«Não insistiremos em censurar Portugal pelos seus actos; mas crêmos que não se deve prolongar tal situação, pois que os inconvenientes de um rompimento poderão occasionar maiores males que a defeza de determinados interesses.»

Infelizmente, malograram-se as negociações que entre os dois paizes se estavam fazendo para o novo tratado de commercio, e assim o governo portuguez decretou algumas medidas de character transitorio, para serem applicadas desde 1 do corrente, emquanto se não chega a um accordo satisfatorio e conciliador dos interesses dos dois paizes, para se firmar um novo tratado.

Essas medidas poderão vigorar durante tres mezes, e consistem em que as permutas realisadas nas alfandegas da fronteira, ou por via maritima, de generos dos dois paizes, se regulem pelas pautas de 1892, ficando livre de direitos a entrada ou sahida do pão até 3 hilos.

«A sahida de mercadorias mencionadas na tabella A do tratado de commercio com a Espanha, continuará a fazer-se não somente pelas alfandegas e portos de despacho estabelecidos, mas tambem por qualquer posto fiscal raino, sem pagamento de direitos de exportação nem sello, observando-se as formalidades actuaes.»

Por parte do governo espanhol o *Jornal Offirial* publicou, no seu numero de 26 de setembro, um decreto ordenando que a partir do dia 1 de outubro, até resolução ulterior, se applicuem as pautas aduaneiras mais reduzidas aos productos de origem portugueza.

J. A. MACEDO DE OLIVEIRA.



## A 1.ª comunhão d'um artista

Para os pequeninos

Um dia Berlioz, num inspirado momento da velhice, quiz recordar todo o seu passado, desde que aprendêra as primeiras noções de musica até aos ultimos triumphos da derradeira *tournée*. Era natural que escolhesse um logar quieto e socegado, para meditar gravemente as impressões de tantos annos. Talvez a aldeia natal donde

## Um quadro de Rembrandt



Ha pouco tempo foi vendida em Paris, na *Galerie George Petit*, por 40.000 libras, o famoso quadro de Rembrandt, *Toilet de Bathsheba depois do banho*. Adquiriram-no os srs. Duveen Irmãos. O quadro, que pertenceu á celebre collecção de *Jonkheer H. R. Steengracht van Duivenvoorde*, de Haya, foi vendido em 1814 por 105 libras. Tem 0<sup>m</sup>,584 de altura por 0<sup>m</sup>,762 de largo. Bathsheba está sentada numa balaustrada de pedra coberta com um estofo oriental; ao lado veem-se os degraus que conduzem ao banho. Uma preta penteia-lhe os cabelos louros e compridos; uma velha agachada no chão apara-lhe as unhas dos pés. A' esquerda vê-se o palacio do rei David, de cujo telhado o rei olha para baixo. As torres de Jerusalem estão indicadas a distancia. O quadro tem á esquerda a assignatura: — «Rembrandt, ft. 1643».

partira, havia muito, os olhos rasos de lagrimas, á conquista do seu Santo Graal...

E escreveu então o livro profundamente verdadeiro, que se chama as *Mémoires*. E' nelle que se encontra uma pagina simples e evocadora, entre todas admiravel, que mais parece traçada pelo entusiasmo ingenuo duma creança, do que por um homem de crenças abaladas e porventura esquecidas. Ia a dizer que essas palavras foram resadas de joelhos, as mãos erguidas, sobre o túmulo da Santa, que lhe ensinara no cóllo as preces ainda balbuciadas...

«Era festa na aldeia. A igreja parochial estava engalanada. Mãos amorosas tinham ceifado as rosas dos jardins e as flôres silvestres, e tinham ido depò las nos altares aos pés dos Santos. As luzes ardião nos castiçais e nos candelabros. Uma dupla fila de meninas trajadas de branco, a fronte cingida de grinaldas, e de meninos vestidos de preto e laço immaculado esperam ansiosamente a Divina Eucharistia. Vão avançando a pouco e pouco, em silencio, para o sacerdote. Chega a vez a Heitor. Os joelhos vergam-se-lhe perante a magestade do sacrário. Apodera-se d'elle uma extraordinaria commoção, mixto de alegria e de febre. Ao côro do «*Ecce Panis Angelorum*» parece juntar-se um ruflar d'asas e de vózes celestiaes.» E quando o ministro de Deus lhe dá a Sagrada Particula, transfigurado como Jesús no Thabor, só ouve os sons avelludados do órgão, que se derramam numã voz infinitamente acariciadora, sob a náve illuminada...

«Foi a minha primeira impressão musical» — diz elle.

Durante muito tempo, apòz essa data jubilosa e memorável, o peregrino Heitor frequentou o sacramento da penitencia. Finda a confissão quando o padre o interrogava: Diga os seus peccados... elle respondia santamente: Não me lembro de nenhum...

Então o ministro da Religião do Amor baixava as mãos sobre a cabeça do innocente, em ar de benção, e murmurava quasi enternecido: Pois bem, meu filho, é preciso continuar...

Com que delicadesa, com que gracilidade infantil não memora Berlioz esta passagem tão doce da sua vida! De certo que a não esqueceu nunca nas horas de desalento e nas horas de triumpho, em Paris e na Italia, nas steppes desoladas da Russia e no capitólio de Buda-Pesth, nas noites do Odéon e nas côrtes dos soberanos-artistas...

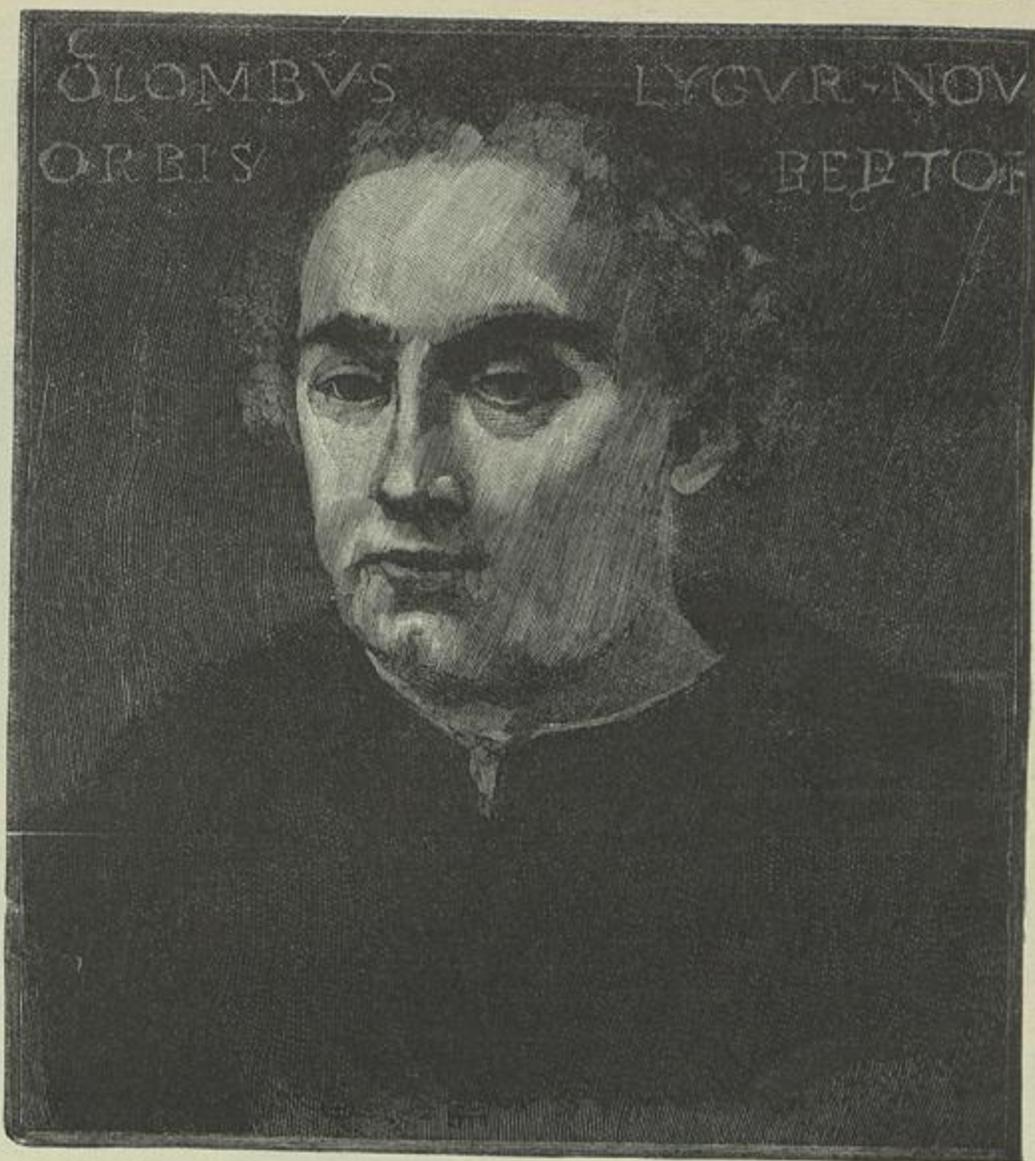
Se não lhe tivesse ficado bem impressa na alma essa tocante cerimonia da primeira communhão, não a relembraria elle com tão carinhosa saudade, talvez prostrado em oração na lage fria de sua Mãe, ou meditando sob as copadas arvores, que viram passar o grácil perfil — o encantador e inolvidavel perfil — da «*Stella del Monte*»...

MANUEL DA GRANJA.



### Aniversario do Descobrimento da America

Passou no dia 8 do corrente o 421.º anniversario do descobrimento das primeiras terras da America por Cristovão Colombo. A proposito desta memoravel data publicamos o retrato do celebre navegador genovez, acompanhando-o da inspirada poesia que o nosso solícito colabora-



CRISTOVÃO COLOMBO

REPRODUZIDO DO RETRATO PINTADO POR SEBASTIANI DEL PIOMBO, PINTOR VENEZIANO, ANOS 1485-1547

dor, o sr. Francisco Serra escreveu por ocasião do 4.º centenario deste grande fausto historico, e que muito obsequiosamente ofereceu a esta revista.

### GAMA E COLOMBO

(Por ocasião da celebração em Madrid, do centenario de Christovam Colombo)

Um vulto grandioso, um genio perseverante  
De arrojos e energia, um crente altivo e audaz,  
Do proceloso mar a ira affronta errante  
E impavido se expõe ao pelago voraz.

Lucta, soffre e triumpho! á tímida companhia  
Que a vaga enche de medo e assusta a tempestade,  
Ergue os punhos furioso e os dentes arreganha  
Num impeto de raiva e nobre magestade.

Transmitte-lhe o valor e segue na derrota,  
Topando emfim do sol o rasto dardejante  
Que aos lusos galeões da avarida frota,  
Abriu caminho ignoto, á terra deslumbrante.

Paizagens gentis, dourados monumentos,  
Aragem perfumada, um ceu de varias côres,  
E gente bronzeada, em ricos ornamentos  
De fina pedraria e mais altos valores;

Eis o espectac'lo novo, as pompas do Oriente  
Que subito do Gama os olhos deslumbraram,  
N'aquelle amor da patria, e zelo sempre ardente,  
Que os versos de Camões, louvando celebraram!

Apòs fadiga ingente e arrojo desmedido,  
Lograra o seu intento. A joia mais preciosa  
A troco de dispendio e grande azar soffrido,  
Para a c'roa conquista em lucta bem honrosa.

Por ella Portugal rompeu esse mysterio,  
Levando a luz e a fé, á multidão selvagem,  
Das vastas regiões d'esse longiquo imperio,  
Que prompto nos rendeu seu culto e vassalagem!

O exito d'essa empresa é como o legendario  
Esforço de um trilhão n'um singular combate;  
Só Colombo o igualou no empenho imaginario  
Em que por fim obteve mais feliz remate.

Entre os heroes não ha dois vultos tão salientes  
Por mais nobre que seja a historia de outros povos;  
Hespanha e Portugal, duas nações valentes,  
Nada temem que invejar aos potentados novos.

Não que os velhos tropheos das suas vastas glorias  
Os admira e saúda absorto o mundo inteiro;  
Outros podem fallar das lugubres victorias  
Que a atrocidade encheu de sangue n'um lameiro.

Ignorantes nações da nautica sciencia  
Em proveito da fé, progresso e humanidade,  
Que fizeram? Bem pouco! Arrojo de demencia,  
A obra genial, chamaram por vaidade!

A cubiça usurpou Havana á nobre Hespanha.  
Feitos mais sublimados, tradições, que importam?! ..  
E' chimera o direito e a justiça artimanha,  
Contra o poder da força, as isen,ões abortam!

E tambem Portugal em insidiosa p'eleja  
Que urde a diplomacia, infamia que arruina,  
Foi e está sendo ainda a victima da inveja,  
Mas contomaz se esquivã á garra da rapina.

Deixemos a ignominia á usurpadora gente  
Que ao impulso fidalgo oppõe só a torpessa;  
Ha de gemer um dia tambem a impudente,  
Como a romana força opprimindo a gaulesa.

Commemorando agora os feitos e a memoria  
Do audaz navegador que eleva e illustra a fama,  
Façamos registrar nas paginas da historia  
O preto a que tem jus a intrepidez do Gama.

FRANCISCO SERRA.



### Por montes e valles

(Notas a esmo)

(Continuado do n.º antecedente)

Dias de chuva! Responderás tu, leitor,  
muito convicto: «Dias de verdadeiro martyrio.»

Engãnas-te por completo. Cá pelo campo,  
não existe um momento que não seja  
bafejado por um tenuo lampejo de poesia  
ideal.

## A Exposição de Artes Graficas — Veja Cronica Occidental

Se toda a ventura parece desabrochar-se n'um enlêvo de alegria, quando bebe sófrega os raios do sol, tambem em dias de ceu pardacento e de constantes chuvas, os campos que se alongam perante nós, dão-nos a a illusão de um ente cheio de paciencia evangelica, pois suportam as bategas d'agua, as fortes ventanias, com um heroismo de martyr, sem o menor queixume! apenas o ranger dos troncos de arvores seculares, assemelha-se a gargalhadas de bruchas sahidas das cavernas das montanhas, e as ribeiras correm sinistras batendo com violencia pelas pedras espalhadas aqui e alli ao capricho da sorte.

O ceu rasga-se como por encanto, as nuvens acastelladas desagregam-se, abrem se clareiras azues e raios de sol beijam os outeiros, os vergeis, os prados, os campos de vinha, os lugarejos.

Parece que um novo dia nasce!

Então a natureza, sob aquella luz cheia de poeira d'ouro, apresenta um aspecto como se estivesse com um manto de diamantes.



SUA EX.<sup>a</sup> O PRESIDENTE DR. MANUEL DE ARRIAGA  
ACOMPANHADO PELOS SRS. LUIS DEROUET E JUSTINO GUEDES VISITANDO A EXPOSIÇÃO

As gottas vão-se diluindo pouco a pouco e as flôres humildes, semi escondidas nos atalhos, parecem que sorriem de alegria.

Abrem-se as portas das casas, e as criancitas saltam para o meio da estrada, alegres como bandos de pardaes.

Em um casalito lá ao longe, meio encoberto por um pinhal, appareceu logo a Maria Rita rodeada dos netos, *um casal de anjos*, como ella lhes chamava.

Por estes sitios todos conhecem a Maria Rita; já tem setenta e tres annos e está rija como ferro, sendo a admiração de todos!

O filho, o Manoel, mais a mulher encontram-se no

Brazil, a tentarem fortuna, e para não deixarem a velhinha sosinha e desamparada com aquella idade, confiaram-lhe temporariamente o cuidado dos filhos.

Maria Rita custara-lhe muito a partida do filho para as terras da America, ella bem sabia que ia á procura de melhor futuro, mas a separação foi para o seu coração de mãe um terrivel golpe, pois pensava sempre que jamais o tornaria a vêr.

Por isso, vendo nos netos, n'aquellas creanças, ainda o sangue que lhe corria nas veias, a sua dôr de eterna saudade ia-se diluindo por aquelles dois pequenos entes, amparando-os com os carinhos de avô, com um amor terno e puro, como crystalina era a agua do rio que reflectia, em uma deliciosa miragem, os elegantes choupos das suas margens.

Depois do jantar ao meio dia, era sabido que Maria Rita se assentava no degrau da sua porta, assombreada por uma frondosa latada, e onde um melro, em uma simples e rustica gaiola de canna, lançava alegres cantos.

Maria Rita fazia meia e os netos, sentados aos pés, olha-



A COMISSÃO ORGANISADORA DA EXPOSIÇÃO. SENTADOS DA DIREITA PARA A ESQUERDA: OS SRS. LUIS DEROUET, JUSTINO GUEDES, PIRES MARINHO, LIBANIO DA SILVA E ALFAEDO GUEDES. EM PÉ: SRS. PAULINO FERREIRA, JOSÉ NOGUEIRA COELHO, DELEGADO DOS LITOGRAFOS DE LISBOA, ADOLFO NUNES, DELEGADO DOS LITOGRAFOS DO PORTO E RAUL NEVES DIAS DELEGADO DOS COMPOSITORES DE LISBOA.



UMA INSTALAÇÃO DE FOTOGRAFIAS



A MAQUINA DE FABRICAR SUBSCRITOS COMPLETOS  
DE QUE É AUTOR O SR. CLAUDINO INACIO DA COSTA, DA IMPRENSA NACIONAL

vam para ella, avidos de curiosidade; era tambem a hora em que a avô lhes contava varias historias que ella sabia de cór desde os primeiros alvôres da sua juventude.

Nunca me cançava de contemplar aquelle quadro de familia que dentro das suas côres de simplicidade, dimanava um encanto infinito de paz e bondade.

—O' avosinha conta-me hoje a historia do *macaco*? disse o mais velho cheio de impaciencia.



UM ASPECTO DA BATALHA DAS FLORES EM ESPINHO, REALISADA NO DOMINGO 28 DE SETEMBRO

— Hoje ha-de ser a historia do *castello encantado* que eu gostei tanto, disse a pequena beijando muito as mãos da avó.

— Hoje, os meus meninos, têm uma historia nova muito bonita.

— Qual?

— Como se chama?

E as duas crianças doidas de contentamento, com as mãos umas nas outras, como avesinhas batendo as azitas quando os paes se aproximam do ninho.

— A historia chama-se a *Princesa dos cabellos de luar*: atenção, meus meninos.

Fez-se um grande silencio e Maria Rita continuando da mesma forma, fazendo meia, com voz pausada começou:

— Era uma vez um grande fidalgo, que vivia no alto de uma montanha em um castello feito de chrystal e pedras finas.

Vivia sosinho, apenas com os criados, sempre triste, passando os dias e as noites chorando de tristeza.

A sua maior alegria era ter uma filha, uma menina muito formosa que fosse por sua morte a feliz herdeira dos seus dominios.

Passavam-se os annos e D. Britaldo jazia sempre absorvido n'aquella continua angustia, n'aquelle eterno martyrio.

Porém, uma linda noite, passeando o velho fidalgo pelos seus bosques, gozando o bello luar, que enchia as ruas de sombras movediças, D. Britaldo viu semi-escondida no bosque uma linda menina vestida de branco; foi ter com ella e disse-lhe:

— «Que faz por aqui, tão só n'estes ermos, de noite?!»

E a menina respondeu:

— «Fui despresada pela sorte bemfazeja, e procuro agazalho, tenho frio e fome.»

— «E' d'aqui?» disse-lhe o fidalgo interessando-se muito pela linda menina.

— «De longe venho, dizem que sou filha da lua e ninguem me quer por ter sempre os cabellos da côr do luar.»

— «Não te aflijas, virás comigo para palacio e alli viverás como uma princesa.»

A menina ficou muito contente e foi recebida no palacio com as maiores honras. Houve uma grande festa no castello, os sinos da capella repicaram, e a menina alli viveu muitos annos em companhia de

D. Britaldo que nunca mais teve um dia de tristeza.»

— Ai que lindo, minha avó, o pae sabe esta historia? disse o pequeno cheio de curiosidade.

— Sabe, contei-lh'a muita vez, quando era pequenino como tu.

As crianças riram muito e pediram á pobre velha que desejavam ouvir no dia seguinte a mesma historia.

Se a avó cumpriu o pedido dos netos, ignoro, mas é de crêr que lhes contaria novamente. E ella não via outra coisa senão aquellas pobres crianças.

(Continúa.)

ALFREDO PINTO (SACAVEM).

## ROMANCE

Victor Debay

### Amiga Suprema

(Versão livre auctorizada pelo auctor, por Alfredo Pinto (Sacavem))

V

Primeira parte

TRIUMPHO INUTIL

(Continuado do numero antecedente)

— Vejam, disse Steinbaum, era necessario reagir. Todos os meus velhos mestres estavam embebidos nas *Paixões de Christo* e nas *Danças da morte*. Assim a estampa e a *agua forte*, com o seu colorido de luto, desenhavam sómente o sacrificio. As suas obras não são senão: *Irmão é preciso morrer*. Eu voltei-me para o lado da Vida. A vida é eterna e a morte apenas uma passagem. Para quê perpetuar aqui na terra a tristeza d'um instante desconhecido e recusar-se a contemplar o que ha de grande na continuação á roda de nós e por nós, da existencia? Porquê chorar, porque não teremos os nossos meios de a repartir? A um corpo transformado e desagregado deve corresponder uma metamorphose da alma, restituída ás forças da natureza.

Steinbaum, entusiasmado na sua mocidade pelas theorias materialistas de Buchner, entregou-se depois á *substancia divina* de Spinoza e, afastando se agora do grande philosopho hollandez, acreditava na vontade humana que este negava. Se elle se orgulhava de ser uma parcella de Deus, é que se sentia livre perante um tal poder. E para elle a ascensão das creaturas não era senão a manifestação maior d'esta liberdade. A sua obra inspirava-se nas phases diver-



NA BATALHA DAS FLORES, EM ESPINHO — O CARRO DAS VIANEZAS  
(Clichés J. Azevedo)

sas do seu pensamento philosophico e esforçava-se de caminhar, em uma metaphysica ainda hesitante, a materia e o espirito.

Porquê, dizia elle, não admittir uma consciencia universal de que a nossa consciencia e a nossa alma fôsem reflexos, como a luz do sol, vista por um espelho, é sempre o reflexo dos seus raios? A consciencia divina! Nós nascemos d'ella, d'essa grande força, pharol da alma humana!

Quando Anna deixou a casa de Steinbaum onde Maria José a tinha vindo buscar, entrou em casa com uma disposição de espirito bem triste. A sua alma embrenhára-se na duvida, o seu coração na tristeza. A frieza de Fombreuse fazia-lhe ver o presentimento d'uma dôr eminente, e o seu amor achava-se ferido pela decepção.

A sua alma, simples cheia de fé, voltava portanto fortificada na lucta cada vez mais alta da arte, á qual consagrava a sua existencia. As palavras e o exemplo de Steinbaum impunham-se ao seu espirito e a inflamavam de resoluções ardentes. Amor e a musica! seria necessario escolher?! Sentia-se assaz generosa e bastante fiel para servir estes dois senhores, um pelo outro. Um combate arrebatára, cheio de terrôres e de chagas a sicatrisar.

No meio d'estas reflexões, caminhava a artista silenciosa até á rua do Bac. Não ouvira a Maria José que, na carruagem, ia fallando sempre.

Quando chegaram a casa, a creada pensava:

— Não sei o que possa ter a menina! Parece que tem um mau olhado, sempre a musica e nada mais! Diga-me que tristeza é essa?

— Ideias tristes, minha bôa Maria José, deixa-me em paz não sejas massadora.

— Santa Virgem! Mas o que houve, que pôz a menina assim?

— Tu não o comprehenderias, bôa noite.

— E se a comprehendesse era a mesma coisa...

— Então o melhor, é não dizeres nada, mas está tranquilla, que nada ha de anormal.

— Decididamente, desde que a menina trabalha no *Orfeo*, mudou muito.

Fombreuse tinha-se despedido de Lisbeth e dado a Karl e a Franz o beijo da bôa noite.

Steinbaum acompanhou-o para trocar com elle algumas palavras.

— Que bellas impressões, disse Fombreuse, que eu levo d'esta noite! A contemplação da vossa obra foi a apothese.

— Deveras gostou? perguntou o gravador com aquella curiosidade que os artistas têm, quando desejam ouvir uma voz amiga.

— E' bella e grande, meu caro Steinbaum. Admirando a vossa gravura, eu sonhava no crescendo intimo, n'essa força esthetica que sentimos quando a obra se vae desenvolvendo perante nós.

Todas estas palavras saídas da bocca de Fombreuse, eram como uma caricia elle recebia em silencio, nas sagradas regiões infinitas da alma.

— Steinbaum, como nos sentimos felizes

quando estamos proximos d'um ente que nos comprehende! O meu anniversario foi terminado por uma festa d'arte onde brilha o seu pensamento. Como hoje me sinto feliz! Vou vê-la em breve, passar dias, junto d'ella...

— De quem, meu amigo?

— De Corbranches. Oh! perdão; devia fallar hoje somente de vós, mas não pude conter a minha alegria. Em poucos dias ella estará em Feunteungoat. Serafina! Quando ouve este nome não sente o ar vibrar com mais harmonia?! Estou doido, não é verdade? No entanto penso em Anna, não desejava nada que ella soffresse...

## VI

### FELICIDADE BRETAN

— Então vaes-me deixar já? Foi Maria José que me lembrou emquanto saiste, Oito dias passados! Quando voltarás agora?! Sempre o canto, sempre o canto!

— Mas, minha querida tia, estarei muitos dias na volta de Feunteungoat.

— Pois sim, quando lá estiveres com musica desde manhã até á noite, não te deixarão voltar; irás para a tua Paris com os artistas. A tua pobre tia aqui ficará a contar com lagrimas o tempo como dizia a tua avó. Ao menos saboreei estes dias da tua companhia.

— E eu tia Luiza, quantas recordações têm estes sitios para mim! Toda a minha mocidade foi passada a contemplar o horizonte d'aquella janella. Voltarei em agosto.

— Com certeza?

— Fiz o juramento ao sr. Cura.

— Oh! então...

— Prometi de cantar um hymno pela Assumpção da Virgem

— Pobre homem, como elle estará contente! Quando na missa de domingo tu cantaste, a igreja foi pequena.

Toda a gente de Laumon veio para te ouvir. Estava contentissima e altiva da figura que fazias perante o Bom Deus. O sr. Cura tirou muitas esmolos. Que dirão para ahi, quando souberem que tu voltarás a cantar no dia da festa? Mas vamos almoçar, conversaremos á mesa.

— Nanette, Nanette! São onze horas, que esperas tu para me dares o almoço?

Anna Le Cozan não seguiu a tia, ficou parada no meio do quarto, braços cruzados, a olhar para o chão.

— Mas que tens tu, minha filha? Logo que estás sózinha, surprehendo-te em posições tragicas!

— Tenho que pensar na forma melhor de representar o *Orfeo*.

— Bem sei isso, mas valha-me Deus, a tua saude soffrerá com tais ideias; com certeza por ahi andam outros pensamentos.

— Estudo o meu papel, trago o comigo.

— Que vida essa! Virá um dia que essa gente de Paris te obrigará a pisares o palco com as pernas nuas!

— Oh! minha tia! disse Anna com um aspecto cheio de horror!

— E' a minha opinião, tu comes o fructo prohibido. Se teu pae, estivesse entre nós, tambem te digo que não te approvava.

Anna Le Cozan abraçou com o pen-

samento toda a vida passada. Todos estes lugares lhe marcavam momentos cheios de saudades, imagens lhe appareciam. Os annos corriam representados com mais ou menos vigor segundo este ou aquelle facto. A sua mocidade triste, n'esta casa solitaria e piedosa de mulher de marinheiro esperando a volta e chorando por cada tempestade do ceu! Os dias de alegria eram aquelles em que seu pae, velho capitão, chegava para descançar das viagens. Chegava de repente, após mezes de ausencia, de côr mais bronzeada, cabellos mais branqueados. Trazia aves de variadas côres, contava historias de viagens que faziam chorar, cheias de episodios dramaticos. Cantava-lhe canções, os primeiros canticos que Anna ouviu, e quantas vezes ella adormeceu aos seus sons dolentes! As paredes enchiam-se de pratos da China, coaes, armas, aves empalhadas, etc.

A tia Luiza, seguia o olhar de Anna.

— Pobres aves, são tão velhas aqui! Parece que estou a ver-te, tão traquina!

Em uma prateleira de carvalho, jazia uma Virgem, entre dois vasos de porcelana dourada, cheios de flôres. Terços de peregrinação estavam pendurados pelas paredes. Oh! festas, novenas, que eram grandes divertimentos para Anna.

S. João-du-Doigt, N. S. da Luz e seu cortejo de cegos, Pleurmem-Gautier e o seu Christo ao qual resava com fervor. Ella recordava-se das horas que orava quando olhava para aquella imagem tão cheia de Dôr! A sua memoria marcava-lhe a pequena igreja breton, onde resava horas e horas.

(Continúa.)



Exigir dum homem virtude que êle não tem é um modo simples e cómodo para se eximir a admirar as virtudes que êle possua.

PAULO MONTAGAZZA.



## Confrontos Historicos

### Bosquejo

(Continuado do n.º 1222)

Agora a luta teria de continuar na capital para onde convergiam a maior parte das forças do exercito miguelista, vindas do Porto, onde o conde de Saldanha acabava de as repelir com a sua grande táctica de general, não inferior á do marechal Bourmont, a quem D. Miguel confiara o comando daquelas forças.

Bourmont era um legitimista que deixara o exercito da França depois da revolução de 1830 e encontrando se na disponibilidade, foi chamado a Portugal por D. Miguel para dirigir o seu exercito, chamando tambem outros officiaes legitimistas francezes que se encontravam nas mesmas condições.

Vê-se que ao governo absoluto faltavam officiaes e generaes portuguezes que tomassem o comando do seu exercito, sendo certo que a maioria destes se encontrava nas fileiras liberaes. A tanto os tinha levado as perseguições e violencias do governo miguelista.

Por cada condenado liberal que subia á fôrca ou descia aos antros tenebrosos das prisões, crescia o numero dos descontentes que eram todos os parentes e amigos desses condenados. Sempre assim foi; sempre assim continuará a ser.

São lições da historia, que o sentimento humano confirma, mas que, infelizmente não aproveitam!

Prosigamos.

Nas linhas de Lisboa, improvisadas á ultima hora, se teria de sustentar a luta com as forças que avançam do Norte sobre a cidade.

D. Pedro deixara a defeza da cidade do Porto entregue ao conde de Saldanha e viera para a capital, onde o duque da Terceira organisava a defeza.

O marechal Bourmont não foi mais feliz aqui do que o fôra no Porto, e depois do ataque ás linhas de 14 de setembro, em que foi valentemente batido, retirou deixando o serviço de D. Miguel, sendo substituído pelo general escocês Makdonell. A 10 de outubro, porém, dava-se a ultima ação nas linhas de Lisboa, que fazia os miguelistas levantarem o cerco e retirarem para Santarem.

A este tempo já a filha de D. Pedro, D. Maria da Gloria, se encontrava na capital onde chegara a 22 de setembro e fôra recebida entre entusiasmáticas aclamações do povo.

O país, porém, estava ainda bem longe de socego. Por toda a parte os exercitos de D. Pedro e de D. Miguel sustentavam lutas com varia sorte. Guerrilhas miguelistas, comandadas pelo Remedido e Camaros, assolavam boa parte do Alentejo e do Algarve. A guerra prolongava-se, e, contudo, era preciso pôr-lhe termo.

O cerco do Porto fôra completamente levantado, não sem que se tivesse cometido um grande atentado propositadamente contra a propriedade. O general Almer a quem Bourmont entregara o comando das forças que ficavam cercando o Porto, mandou deitar fogo aos grandes armazens de Vila Nova de Gaia onde se arrecadavam os vinhos. Depois desta proeza retirou para Avintes, onde se entrincheirou com as suas forças, mas ali foi derrotado por Saldanha.

Por fim, retirando-se o conde de Saldanha para Lisboa, ficou governando o Porto o general Stubbs que conseguiu, depois dos combates de Vila do Conde e de Grijó, derrotar finalmente as forças miguelistas.

As duas principaes cidades estavam livres, entretanto outros pontos do país havia em que a guerra se mantinha com todos os seus horrores.

A Leiria acudiu Saldanha com um exercito de 5:000 homens, que tomou esta cidade, como em Torres Novas bateu a cavalaria miguelista e em Pernes derrotou uma divisão. O mesmo fazia em Almoester ás forças do general Lemos.

Sá da Bandeira batia completamente no Algarve as forças do governo absoluto de que livrava aquela provincia e seguindo para o alto Alentejo tomava os pontos importantes.

Caminha, Viana do Castelo, Ponte de Lima e Valença, rendiam-se ao almirante Napier que, em 17 de março de 1834, largara do Tejo com duas corvetas e um vapor para aqueles pontos da provincia do Minho.

Ao mesmo tempo o general Torres tomava Guimarães e Lixa.

Em abril, o duque da Terceira derrotava as forças miguelistas do comando do general Cardoso, em Amarante, Vila Real, Murça, Vila Flôr e Moncorvo, e passando á Beira, tomou Lamego, e batendo o inimigo em Ponte Pedrinha, entrava em Vizeu a 2 de maio, que se rendia á causa liberal.

A causa de D. Miguel estava perdida e para mais tinha perdido o apoio moral que D. Fernando VII de Espanha lhe havia dispensado, pois D. Miguel dera bom quartel a D. Carlos, que mandado sahir de Castela por este pretender o trono de que era herdeira sua sobrinha filha do mesmo rei D. Fernando, em Portugal foi recebido, onde o governo português lhe permitiu que organisasse algumas forças militares para irem fazer guerra á Espanha.

Este caso apressou D. Fernando a reconhecer o governo de D. Maria II a concertar com o governo liberal um tratado de aliança em que entrava tambem a França e a Inglaterra, permitindo a entrada, em nosso país, de uma divisão espanhola sob o comando do general Rodil, para bater as forças de D. Carlos, em numero de uns 500 homens.

Não tardou muito que essas forças perseguidas pela divisão espanhola se dispersassem, refugiando-se D. Carlos em Santarem, ponto onde os miguelistas ainda se sustentavam.

As forças do general Rodil não deixaram de prestar certo auxilio ao exercito liberal, porque no proposito de perseguirem D. Carlos, atacavam por sua parte as forças miguelistas onde este se encontrava.

Foi assim que depois da entrada do duque da Terceira, em Coimbra, no dia 8 de maio e de ter varrido a Beira, que o acolheu favoravelmente, veio bater, na celebre batalha da Asseiceira, de 16 de maio, os miguelistas, o que lhes trouxe completo desanimo, resolvendo D. Miguel sahir

de Santarem, com as suas forças em desordem, dirigindo se por Elvas. Viu-se, porém, cercado por todos os lados a meio da sua marcha. As forças constitucionaes envolveram-no; Saldanha por Extremoz, o duque da Terceira por Montemor-o-Novo, Rodil, seguindo-lhe a marcha sobre Elvas, ao mesmo tempo que outro corpo de tropas espanholas, comandadas por Serrano, vinha de Andaluzia, pelo Algarve, não deixaram passar o irmão de D. Pedro, de Evora, obrigando-o a depôr as armas, com o que muitos dos seus soldados mal se conformaram, chegando alguns, como os do celebre regimento de dragões de Chaves, rôtos e esfomeados, a partirem-nas contra as esquinas das ruas antes de as entregarem.

(Continúa.)

CAETANO ALBERTO



## Caldas da Rainha

### Aguas Santas

Este nome d'*Aguas Santas*, que é conhecido, como nos diz um eminente escriptor contemporaneo, desde 1852, provém do facto de uns pobres mendigos, que padeciam de feridas ou de

muito sentida a falta de um edificio, onde com os precisos resguardos se fizesse uso d'estas aguas de natureza: hyposalinas, cloro-carbonatadas, sodicas, sulphureas, gazocarbo-sulphydricas.

Estas aguas são límpidas, incolores, transparentes, de sabor agradável, e exhalam cheiro característico de acido sulphydrico. Frequentemente atravessadas por volumosas bolhas de gaz deixam nos regos por onde correm notaveis depositos esbranquiçados de sulforaria. Teem reacção de 20° 4', sendo 22.° a do ar ambiente á sombra.

A Camara Municipal das Caldas da Rainha desejando attender ás instantes reclamações, que lhe eram feitas sobre a urgente necessidade de ser construído um modesto edificio, lembrou ao proprietario do referido terreno a troca d'este por uns fôros de que era senhoria directa; e por common accôrdo houve por bem solicitar do conselho do districto a sua confirmação, a que este deu cumprimento em 15 de dezembro de 1853, tendo por fundamento as informações prestadas sobre o bom proveito das aguas por habeis facultativos para as molestias cutaneas, em perfeita concordancia com a analyse a que havia procedido o director da pharmacia do hospital das Caldas da Rainha, Miguel Capestrano d'Amorim; mandando, além d'isso, que lhe fôsse apresentado orçamento supplementar para as precisas obras no sitio da nascente.

Quanto poude o esforço bem orientado no sentido de levar a bom termo esta obra, o demons-



CALDAS DA RAINHA — AGUAS SANTAS  
Cliché do fotografo amator sr. Alfredo Pinto (Sacavem)

molestias de pelle, quando passavam pelo sitio da Ribeira dos Moinhos, junto ao Valle de Banhos, dois kilometros a sudoeste da formosa villa das Caldas da Rainha, terem, casualmente, visto, n'este local, uma nascente, que em terreno de grês, e solo areento brotava agua, que lhes parecia possuir virtudes curativas; e dirigindo-se ali, apezar de ser propriedade particular, tiveram a feliz lembrança de se lavarem, por mais d'uma vez, com esta agua, mas com tão excellente resultado que, a breve trecho, alcançaram sensiveis melhoras, das quaes davam conhecimento a todas as pessoas que encontravam.

E' certo, porém, que este facto que, ao principio, passou despercebido, em seguida duvidoso, fez, por fim, impressão. Uns duvidaram, acreditaram-no outros; hoje é incontroverso.

Aguas Santas — era a voz, do povo, — consoante a sabedoria do aphorismo: *Vox populi, vox Dei!*...

A fama d'estas aguas corria de bocca em bocca. No anno immediato (1853) foi grande a concorrencia dos individuos atacados da molestia de pelle, que ávidos procuravam a esperanca d'um bom resultado, espalhando-se, com este visível fim, pelas povoações proximas, e pelos arrabaldes, se bem que por todos, como era natural, era

trou exuberantemente a commissão nomeada em assembleia no dia 17 de novembro d'esse mesmo anno no club das Caldas, obtendo valiosos subsidios, não só por meio d'uma subscrição, a cuja frente estavam os nomes da familia real, mas tambem por meio d'um bazar, onde todos os premios fôram vendidos pelas principaes senhoras da terra e por algumas de Lisboa, e finalmente por um baile, que esteve concorridissimo, por occasião da abertura do hospital no mez de maio de 1854.

Em 1855 ficou concluído o edificio n'aquelle local, que se destaca por entre a ramagem de copado arvoredo, e em condições dos doentes, commodamente, fazerem uso d'estas aguas, reconhecidamente proveitosas contra a clephantiariencia, podendo até ser administradas em bebidas contra as affecções catarrhaes, vistas as analyses feitas em 1860 pelo Visconde de Villa Maior, e em 1867 pelo Dr. Agostinho Lourenço.

A par das salutareas providencias dadas pela municipalidade tem esta melhorado, quanto possível, o balneario, e até ampliado este estabelecimento hydroterapico, attenta a concorrencia de doentes, que ali todos os annos afflue nos meses de julho a setembro, tendo, sobremodo, concorrido, para tão beneficos resultados, a bondosa

senhora — a Ex.<sup>ma</sup> D. Claudina Chamiço, ha pouco fallecida, com a prestação annual de 100\$, ora substituida pelo legado de 5.000\$ que a mesma veneranda senhora deixou em seu testamento para ser applicada nos termos, e pela fórma estatuida no dito testamento.

Finalmente não podemos deixar de nos referir ao irreprehensivel asseio com que são executados os serviços respeitantes ao balneario pelo pessoal d'este estabelecimento, como tivemos occasião de apreciar em companhia do nosso dedicado amigo, o ex.<sup>mo</sup> sr. Antonio Fernandes Ventura Coelho, cavalheiro que tem em elevada consideração os melhoramentos da sua terra natal

Setembro de 1913.

LINO JOSÉ FERREIRA DA COSTA.



## Concurso hipico nas Caldas

(Correspondência especial)

Apesar da chuva, correu com relativa animação, este ano, o concurso hipico na esplanada da mata, tendo havido provas que despertaram grande entusiasmo. Eis os resultados finais:

Cavalleiros	Cavallos	Tempo	Faltas
-------------	----------	-------	--------

### Prova ensaio

1.º Sá Guimarães . . . . .	Devid	1,41 1/2	0
2.º Moura Borges . . . . .	Fiat	1,26 1/2	1
3.º Constancio . . . . .	Egua Ermita	1,29 1/2	2
4.º Sá Guimarães . . . . .	Nero II	1,30	2

### Nacional

1.º Ruy de Menezes . . . . .	Cicrate	1,59 1/2	0
2.º Constancio . . . . .	Cack Tail	1,34	1/2
3.º Casal Ribeiro . . . . .	Job	1,50	1/2
4.º Carlos Velloso . . . . .	Sir	1,58 1/2	1/2
5.º A. Maya . . . . .	P	?	?

### Carruagens

Sr. Joaquim S. nt'Anna . . .	—	—	—
------------------------------	---	---	---

### Discipulos

Sr. Vasco Anjos . . . . .	—	—	—
---------------------------	---	---	---

### Amazonas

D. Francisca Pires . . . . .	—	—	—
------------------------------	---	---	---

### Omnium

1.º Jara de Carvalho . . . . .	Elmo	1,52	0
2.º Jara de Carvalho . . . . .	Jau	1,56 1/2	0
3.º Silveira Ramos . . . . .	Star	1,58 1/2	0
4.º Lourignan . . . . .	Guidatare	2,07	0
5.º José Alverca . . . . .	Atalaya	2,09	0
6.º Casal Ribeiro . . . . .	Egua Merveille	2,10 1/2	0

### Grande premio das Caldas

1.º Granger . . . . .	Mariola	2,13 1/2	0
2.º José Alverca . . . . .	Bazaruco	2,18 1/2	0
3.º Velloso . . . . .	Swet	2,42	1/2
4.º Silveira Ramos . . . . .	Areosa	2,50 1/2	1/2
5.º Velloso . . . . .	Sir	2,55 1/2	1/2
6.º Silveira Ramos . . . . .	Star	2,59 1/2	1/2

### Prova de caça

1.º Casal Ribeiro . . . . .	Gontois	1,35 1/2	—
2.º Lourignan . . . . .	Alvear	1,40 1/2	—
3.º Constancio . . . . .	Dina	1,42	—
4.º Lourignan . . . . .	Guidatare	1,48	—

### Prova de força

(Para os vencedores)

1.º Constancio . . . . .	Dina	1,35 1/2	1/2
--------------------------	------	----------	-----

### Prova de soldados

1.º Francisco Correia . . . . .	Areosa	0,56	0
2.º Soldado 56 de caval. 9 . . .	Martel	0,58	0

### Corrida de trote

1.º Antonio Callado . . . . .	Bandido	—	—
2.º Antonio Maya . . . . .	Jauvier	—	—



JARA DE CARVALHO, NO CAVALO «ELMO», 1.º PREMIO DO OMNIUM



CASAL RIBEIRO, NO CAVALO GONTOIS, 1.º PREMIO NA PROVA DE CAÇA Instantaneos do photographo amator sr. Alfredo Pinto (Sacavem)

## CAMINHA

### I

Espr'ado vem á luz em dia incerto,  
Começa a respirar, solta um vagido,  
Som indistincto, esboço de um gemido,  
O sofrimento e a dor seguem de perto.

Pobre existencia! Eis o caminho aberto,  
Caminho de máo trilho, e mal seguido,  
Todo asperezas, triste desabrido,  
Surge das trevas, finda n'um deserto.

Dão-se os primeiros passos na incerteza,  
A' falta de energia a alma definha;  
Bem ráo é generosa a natureza!

Fria, indif'rente a quantos espezinha,  
E sem lhes dar descanso, nem defesa  
Solta-os da mão e brada-lhes — Caminha! . .

### II

Solta-os da mão e brada-lhes — Caminha  
O ignoto deus que alcunham de destino,  
E eis a caminho mais um peregrino  
Que a sorte não preve, não a advinha.

Sem bussola nordea a sua linha,  
Se crê, confia no favor divino.  
Ai quantas vezes não se perde o tino!  
E' varia a sorte, e em bem fazer mesquinha.

Quem sabe lá se tem de ser feliz?!  
Bem poude sel-o, e não o quiz o Christo,  
Que tinha o humano lodo na raiz.

A torpeçar constante no imprevisto,  
Sempre de esphynga no horizonte um X.  
E para a maior parte a vida é isto.

NEMO.

## X=?

Um não sei que, n'um interior feliz  
Leve, intangivel, tenue, transparente,  
Um ar de primavera, alegre e quente,  
Embora a falla queira não o diz.

Uma planta ideal, dupla a raiz  
Sanea e purifica todo o ambiente.  
Serena a paz adeja ali contente  
Eis um problema. A salução do =X=?

De um joven par em plena mocidade  
Sentiu-se preso amor ao gesto ledó,  
E segue-os a caminho da cidade!

Ditoso de encontrar o ceu tão'cedo  
Prende-se o amor aos dois em amizade,  
E não os deixou mais. Eis o segredo.

NEMO.

## Conceito

Amor não tem gerarchia,  
Não vem de nobreza herdada:  
E em quanto a biographia  
O amor nasce de nada.  
De compleição delicada  
Demanda profundo estudo:  
Nasce o amor, nasce de nada;  
Ao morrer, morre de tudo.

NEMO.

## Conceito

No coração uma porta  
De que a dona não tem chave,  
De um assalto por surpresa  
Exposta ao p'rgo mais grave;  
E quando a chave apparece,  
E' cousa muito vulgar,  
Raro não entra com ella  
Quem nunca devera entrar.

NEMO.

## Pelos teatros

### Trindade

Na elegante sala de espectáculos de este teatro está-se agora exhibindo uma fita animatográfica de 4:000 metros em cinco partes, reproduzindo as cenas do notável livro *Quo Vadis?*

A primeira sessão, dedicada á imprensa pelas empresas reunidas dos salões Olympia, Central e Chiado Terrasse, foi no dia 28 do mez que findou, e desde logo se previu o exito que esta fita vinha alcançar em Lisboa, sendo certo que ela o tem alcançado nas principaes cidades do mundo que tem percorrido.

De facto as cenas que se desenrolam ante o publico são verdadeiramente sensacionais, especialmente aquellas do lançamento dos cristãos ás feras, em pleno circo romano, na presença do cruel imperador Nero e do povo que enche o anfiteatro; a do incendio de Roma, a do banquete orgiaco, em que por fim Petronio se despede da vida partindo a sua taça de ouro, sangrando-se depois nas veias, cahindo exangue.

Despertando o mais vivo interesse as cenas deste extraordinario drama tragico, ha a notar o magnifico cenario e rigor da indumentaria, todo este conjunto nos transporta aos seculos distantes da civilisação de Roma e dos primeiros anos do cristianismo.

N'este teatro já se esta preparando a abertura da epoca, com a *Mulher de marmore*, opereta que tem sido representada com o maior exito lá fóra.

Para o desempenho da protagonista desta peça, o empresario, sr. Affonso Taveira escreveu a notavel cantora portugnêsa Judice da Costa, que fará a parte de Dinah de Miczeuska, sendo os outros papeis distribuidos da seguinte fórma:

*Sonia*, filha do consul geral, Biatriz Batista; *A condessa Tereza de Kaserling*, Medina de Souza; *Maruschka*, aia de Dinah, Angelica Victor; *Magdalena, Adelia, Lucy e Fifi*, damas da córte, Rosa Pereira, Marcia Bella, Irene do Anjo e Eugenia Coutinho; *Bógumil de Krems*, estudante, Auzenda de Oliveira; *O consul geral, Gollatschin*, Gomes; *O principe Tschersky*, Salvador Braga; *Theodoro, barão Staal*, Luiz Leitão; *Petrow e Aschin*, agentes de policia russa, Gabriel Prata e Alvaro d'Almeida.

A peça, que é de brilhante espectáculo, apresentará cenario novo, pintado expressamente em Madrid, pelos cenografos Amorós e Blancas, representando o 1.º acto o grande hotel de Montreux; o 2.º, o palacio de Gollatschin, em S. Petersburgo e o 3.º no toucador de Dinah.

A fama que precede esta opereta faz prever uma bela inauguração de epoca, na Trindade.

### Coliseu dos Recreios

Das casas de espectáculo de Lisboa, a que primeiro abriu, inaugurando a época de inverno, foi o Coliseu dos Recreios, com uma companhia de variedades de primeira ordem, composta de artistas como Robledillo, que está entusiasmando o publico, Valazzi, notavel *joueur*, os acrobatas Steugth e Brothers, Gili's, o capitão Spaulding, as gentis Gisters Melillo, o prestigioso *clown* Antonet, de boa recordação de outras épocas, e os *clowns* Frères Footit, que todas as noites fazem as delicias dos espectadores.

Tudo indica que teremos uma esplendida época de Coliseu.

### Três livros

Fromont Junior & Risler Senior, de Afonso Daudet — xc da *Col Heras de Leitura*.

A *cabana indiana*, de Bernardin de Saint-Pierre — x da *Col. Diamante*.

O *Livro de Beatriz* — m da *Bibliotheca Infantil*.

São três trabalhos que a livraria editora Guimarães & C.ª acaba de publicar, no seu anseio de tornar conhecidas em Portugal as boas obras estrangeiras. Todos estes três trabalhos, que o sr. Henrique Marques Junior verteu para portuguezs com a impeccavel proficiência com que trata todos os trabalhos que lhe são entregues, são dignos dos muitos outros, que a mesma livraria tem editado.

*Fromont Junior & Risler Senior*, de Daudet, é duma profunda psicologia, não indo até á extrema minudência de Zola, pelo que nos agrada mais, é dum encanto e duma beleza que prende.

Contando-nos a vida duma rapariga leviana, para quem as exterioridades tudo valem, chocada pelo luxo e pelo bem-estar, á volta dela nos faz assistir, com aquele seu estilo duma simplicidade e leveza insinuantes, a pedaços da vida duma grandeza ampla.

A *cabana indiana*, de Saint-Pierre, é uma série interessante de contos duma ligeira filosofia, onde através do entrecho se descobre uma pequena verdade moral bem vestida em roupagens literárias.

Por último, o *Livro de Beatriz*, da coleção de contos para crianças, coleção que já adquiriu nome pela cuidadosa direcção que o sr. Marques Junior, demais conhecido em assuntos de literatura infantil, lhe tem sabido imprimir. Entre nós, este género de literatura é descurado, não produzindo os nossos literatos trechos que se possam entregar a mãos de crianças, de fórma que é necessário traduzi-los, mas para isso impõe-se um bom critério para a sua escolha. E nesta coleção, de que este volume é o terceiro, todas as condições duma sã literatura infantil são atendidas, pelo que estes livros se tornam recomendáveis.

VASCO VALDEZ.

## NECROLOGIA

### Manuel Antonio Iniguez

Na força da vida, contando apenas 35 anos de idade, faleceu, no dia 4 do corrente, o importante industrial sr. Manuel Antonio Iniguez, vitimado



MANUEL ANTONIO INIGUEZ

pela tuberculose, que em pouco tempo o levou á sepultura.

Foi uma desoladora surpresa para sua familia, para seus amigos, que eram muitos, e para o publico em geral, que o apreciava e conhecia pelos produtos da sua fabrica de chocolates que levara ao maior grau de perfeição.

Foi uma grande perda para a industria nacional em que tão poucas iniciativas se contam do valor, da actividade e intelligencia da de Manuel Antonio Iniguez.

Filho de um não menos activo e intelligente industrial, o falecido Antonio Joaquim Iniguez, Manuel Antonio Iniguez foi o digno continuador da obra de seu pae, auxiliado por seu irmão Antonio, que o acompanhava e partilhava nos trabalhos da fabrica.

Nascido e educado naquele centro de trabalho Manuel Antonio Iniguez era um industrial completo, conhecendo a fundo a sua industria pro-

curando sempre todos os aperfeiçoamentos para com vantagem concorrer nos mercados.

Mas se as qualidades do industrial se impunham á consideração publica, as do homem não eram menos apreciáveis. Dotado de caracter franco e leal, mais se abrigava em seu coração o sentimento de solidariedade humana, tendo em vista o bem estar, quanto possível, dos seus operarios. Nesse proposito estabeleceu na sua fabrica uma caixa de socorro mutuo, para a qual era o primeiro a concorrer, como chefe daquela familia, que o respeitava e estimava. O seu espirito caritativo estendia-se ainda a muitas instituições de beneficencia, que sentirão a falta deste protector.

Era socio da Associação dos Bombeiros Lisbonenses, pertencendo á sua direcção como tesoureiro.

Manuel Antonio Iniguez que reunia tão valiosas qualidades, que occupava um tão distinto lugar na industria nacional, tinha ainda a realçar-lhe os merecimentos, uma extrema modestia, que mais estimado o fazia.

Não era raro vel-o, envergando a sua blusa azul, e trabalhando ao lado dos seus operarios, em fraternal camaradagem, pelo que estes muito lhe queriam e não menos o respeitavam.

Manuel Antonio Iniguez tinha um grande futuro deante de si que a morte veio cortar impiedosamente no meio da vida, deixando na maior desolação sua viuva, a sr. D. Manuela Joannes Esteves Iniguez, seus irmãos, irmãs e sobrinhos, a quem reiteramos aqui nossas sentidas condolencias.

C. A.

## Literatura estrangeira

A máscara d'um poeta. A interessante brochura que temos presente e que o seu auctor, sr. Silvio de Almeida, da Academia Paulista de Letras, subtitilou *Bernardim Ribeiro*, vem reforçar a opinião expandida pelo nosso querido amigo Delfim Guimarães de que a personalidade de *Cinjal* pertence ao delicioso classico que firma as encantadoras *Saudades*. Silvio de Almeida tracta o assumpto em prosa elevada e erudita, o que torna completamente accetivel a causa que defende.

**Tulipa Negra** — Mais um romance de Alexandre Dumas acaba de sair na coleção que a Casa Guimarães & C.ª vem editando e de que faz parte sob o n.º 47. A obra do imaginoso e fecundo escriptor francez é por demais conhecida para que repisemos, insistindo numa verdade, dizendo o quanto é brilhante e seu estylo.

**Aphrodite** — E' um magnifico romance de Pierre Louis, um notavel escriptor francez. Acêrca d'este brilhante estudo romancado fez François Coppée o melhor elogio comparando-o á *Salambô*, de Flaubert. E' o volume 91 da *Coleção Horas de Leitura*.

**Mistérios de Paris** — E' o interessantissimo romance de Eugenio Sue. Acêrca de primeiro volume já algo dissemos. Cumpre-nos registrar o apparecimento do 2.º e agradecer a Guimarães & C.ª a offerta d'estes tres livros.

RUY DE ABOIM.

## Automobilismo

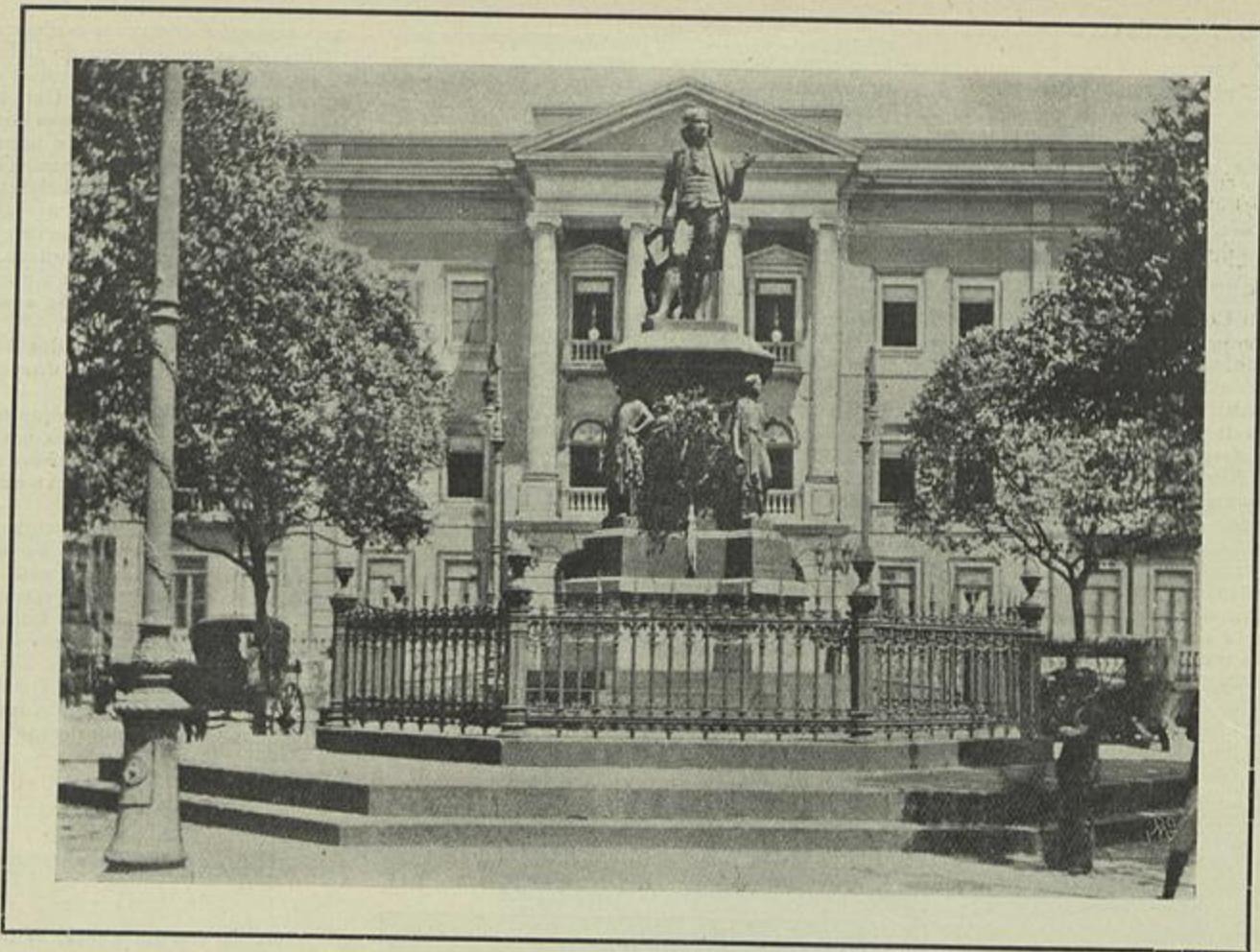
### Os «Camions» Arbenz

O automobilismo estendendo a sua acção além dos vehiculos de transporte de passageiros, apresenta já hoje grandes carroções denominados *camions* para transporte de mercadorias e toda a qualidade de carga, com enormes vantagens para todo o comercio.

Os *camions* Arbenz são dos melhores vehiculos deste genero que se apresentam, pela sua boa construção, capacidade e relativa economia.

A sua superioridade está comprovada pela extraordinaria aceitação que tem tido em toda a parte, e em Lisboa como nas provincias sido empregados com belo resultado, como por exemplo pela casa Dupin & C.ª, da Anadia.

Os *camions* Arbenz prestam bons serviços não só nas cidades, pela prontidão e segurança no



O MONUMENTO A JOSÉ BONIFÁCIO DE ANDRADE E SILVA, REGENTE DO BRASIL, DURANTE A MENORIDADE DE D. PEDRO II, NO RIO DE JANEIRO

transporte de mercadorias das alfândegas ou dos armazens por atacado, como no transporte de materiais de construção por mais pesados que sejam.

Na agricultura os seus serviços não são infe-

riores, empregados na lavoura para transportes rápidos a grandes distancias, entre os locais de produção agricola e as estações de caminhos de ferro, poupando tempo e vencendo dificuldades que facilmente resolvem.

Finalmente procurando tornarmos conhecido este meio de transporte, não temos duvida em recomendar os *camions* Arbenz como aqueles que mais vantagens oferecem ao commercio, á industria e á agricultura.

**CONTRA  
A TOSSE**

**XAROPE PEITORAL  
JAMES**

Unico especifico contra tosses e brônchites legalmente auctorizado pelo Conselho de Saúde Publica, ensaiado e approved nos hospitaes. Premiado com *Medalhas d'Ouro* em todas as exposições a que tem concorrido. Cada frasco está acompanhado de um impresso com as observações dos principaes medicos de Lisboa, reconhecidas pelo consul do Brazil. A' venda nas pharmacias. *Pedro Franco & C., Lisboa.*

**Farinha Peitoral Ferruginosa**

de Pedro Augusto Franco

Produto alimenticio que se applica em caldos peitoraes, com feliz exito. E' de todos os preparados farinaceos o mais efficaç por conter substancias organicas e inorganicas que são de facil assimillação aos estomagos fracos e ainda os mais debéis. Pedidos á

**Pharmacia Franco, Filhos**

139, Belem, 119 - LISBOA  
Cada pacote de 250 grammas. 200 réis  
Cada lata " " " " 240 "

A' venda em todas as pharmacias

**SÓ NÃO TEM CABELLO E BARBA QUEM NÃO QUER**

**FAZEMOS NASCER:**

Cabello aos calvos e barba aos sem ella  
em 20 a 24 dias

Garante-se que não é nocivo

Remette-se com toda a discreção



O genuino **MOOTCY** é o unico preparo para a barba e cabello que se produz segundo as ultimas experiencias da sciencia e é provado que o genuino **MOOTCY** é o unico remedio que produz um tal effeito sobre as cellulas do cabello e as raizes da barba que crescem logo depois da applicação.

A milhares e milhares de pessoas temos com o nosso **MOOTCY** levado a felicidade. Homens notaveis e não notaveis, todos dos têm vindo pedir o nosso concurso. Em todos os paizes da Europa e America, em muitos logares d'África e d'Australia, é o nosso **MOOTCY** conhecido e apreciado. Póde-se por isso dizer, com verdade, que gosa de fama universal.

O preço para o **MOOTCY** é de 2\$515 réis por porção (uma porção chega perfeitamente) O pedido de duas porções, uma para a barba e outra para o cabello tem o preço especial de 4\$240 réis.

Com cada porção vae um certificado de garantia, pelo qual nos obrigámos a restituir o dinheiro recebido se o remedio não der resultado algum.

Se isto não for verdade pagámos ao comprador

**300\$000 réis (trezentos mil réis)**

Para prevenção contra as imitações e falsos remedios fazemos notar que todos o pacotes têm escripto a palavra **MOOTCY**. — Envia-se diariamente para todas a partes, ainda as mais afastadas, com a explicação clara da maneira de ser usado e com o certificado de garantia em portuguez, contra pagamento adiantado ou pagamento pelo correio no acto da entrega.

**MOOTCY DEPOT, Holmens Kanal, 30, Kopenhaga, 131**

O maior e o mais importante estabelecimento da especialidade na Europa. Responde-se a todas as perguntas vindo acompanhadas do respectivo porte para a resposta.

DEPOSITO EM PORTUGAL:

**Ferreira & Ferreira, Successores**

99, Rua da Prata, 101 - LISBOA

**CACAU, CAKULA E CHOCOLATE INIGUEZ**

Vende-se em toda a parte

**BOMBONS E NOUGAT DA FABRICA INIGUEZ**

**Kilo 1:500 réis**

Os bombons da fabrica Iniguez levam a marca

Exigir pois esta marca

em todos os estabelecimentos



**CHOCOLATE—CAKULA**

Novo producto reconstituente e valioso alimento adaptado a todos os organismos, como se prova com a analyse de garantia

Pacote de 500 grammas, 600 réis

**CONTOS E DIGRESSÕES** por CAETANO ALBERTO

Um volume illustrado de 224 paginas com linda cartonagem, completa novidade, **500 réis.**

EMPRESA DO OCCIDENTE